

ENSINAR E APRENDER EM ENFERMAGEM: RELAÇÕES ENTRE DOCENTES E DISCENTES

Teaching and learning in nursing: relationships between teacher and students

Enseñar y aprender en enfermería: relaciones entre profesores y estudiantes

Luiz Anildo Anacleto da Silva¹, Rafael Marcelo Soder², Fernanda Sarturi³, Giovana Dorneles Callegaro Higashi⁴, Bruna Stamm⁵, Ivania Mundstock⁶

RESUMO

O objetivo deste estudo é compreender de que forma as relações entre docentes e discentes podem qualificar a formação em enfermagem. Trata-se de uma pesquisa qualitativa delineada como descritiva. Os participantes da pesquisa foram docentes e discentes de dois cursos de enfermagem públicos. Foram realizadas entrevistas com docentes e discentes. Os dados obtidos permitiram a construção de duas categorias: a primeira refere-se às relações docentes e discentes na enfermagem e a construção do conhecimento; e a segunda aborda os fatores que motivadores e desmotivadores na relação entre aprender e ensinar na enfermagem. Conclui-se que as boas relações docentes e discentes são fatores motivadores, e algumas situações específicas desmotivadoras. Independentemente de outros preceitos, mostra o estudo que as boas relações são primordiais na formação em enfermagem.

Palavras-chave: Enfermagem. Docentes de Enfermagem. Estudantes de Enfermagem. Ensino e aprendizagem.

ABSTRACT

The aim of this study seeks understanding how the relationships between teacher and student can qualify nursing and health education. It is a qualitative research delineated as descriptive. The study subjects were professors and students of two public nursing courses. Interviews were carried out with teachers and students. The data obtained allowed the construction of two categories: the first refers to the relations between teachers and students in nursing and the construction of knowledge; and the second addresses the motivating and demotivating factors in the relationship between learning and teaching in nursing. It is concluded that good relations between teachers and students are motivating factors and some specific situations of demotivating. Regardless of other precepts, the study shows that good relationships are paramount in nursing education.

Key words: Nursing. Nursing Professors. Nursing Services. Students Nursing. Teaching and learning.

RESUMEN

El objetivo de este estudio busca comprender cómo las relaciones entre los profesores y los estudiantes pueden calificar la enfermería y la educación para la salud. Es una investigación cualitativa delineada como descriptiva. Las asignaturas de estudio eran profesores y estudiantes de dos cursos públicos de enfermería. Los participantes de la investigación fueron profesores y estudiantes de dos cursos públicos de enfermería. Los datos obtenidos permitieron la construcción de dos categorías: la primera se refiere a las relaciones entre profesores y estudiantes en enfermería y la construcción del conocimiento; y el segundo enfoca los factores motivadores y desmotivadores en la relación entre el aprendizaje y la enseñanza en enfermería. Se concluye que las buenas relaciones entre profesores y estudiantes son factores motivadores y algunas situaciones específicas de desmotivación. Independentemente de otros preceptos, el estudio muestra que las buenas relaciones son primordiales en la educación de enfermería.

Palabras clave: Enfermería. Profesores de Enfermería. Estudiantes de enfermería. Enseñanza y aprendizaje.

¹ Doutor. Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Campus de Palmeira das Missões, Palmeira das Missões, RS, Brasil. Email: Luiz.anildo@yahoo.com.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0651-7804>

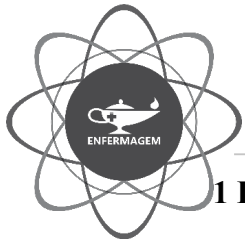
² Doutor. Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Campus de Palmeira das Missões, Palmeira das Missões, RS, Brasil. Email: rafaelm.soder@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4467-1933>

³ Doutora. Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Campus de Palmeira das Missões, Palmeira das Missões, RS, Brasil. Email: fernandasarturi@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5171-1529>

⁴ Doutora. Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Campus de Palmeira das Missões, Palmeira das Missões, RS, Brasil. Email: gio.enfermagem@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5171-1529>

⁵ Mestre. Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, Uruguaiana, RS, Brasil. E-mail: bruna-stamm@hotmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4858-7712>

⁶ Acadêmica de Enfermagem. Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Campus de Palmeira das Missões, Palmeira das Missões, RS, Brasil. Email: ivaniamundstock@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5162-0590>



1 INTRODUÇÃO

A formação em enfermagem parte dos preceitos contidos nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN). Dessa forma, as instituições formadoras necessitam organizar-se de maneira que possam transcender a formação técnica-científica, além de compreender o contexto e as necessidades sociais em que os indivíduos estão inseridos, sejam estes docentes ou discentes. Os conteúdos teóricos desenvolvidos são bases para as práticas e determinantes na formação em saúde, razão que aproxima os preceitos teóricos contidos/desenvolvidos a partir dos projetos pedagógicos, consignados com as realidades sociais (MORAES; COSTA, 2016).

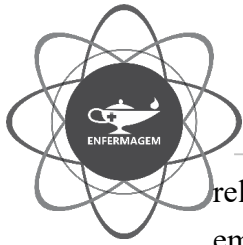
As relações pedagógicas são estratégias apoiadoras que legitimam o processo formativo. A criatividade, a empatia, o diálogo nas relações docentes e discentes são elementos preponderantes na formação, mesmo quando há dissonância entre as necessidades educativas e as condições de ensino disponíveis nas universidades (TEÓFILO; SANTOS; BADUY, 2017).

Posto isso, indubitavelmente, a formação em enfermagem precisa estar em consonância com as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), com a inovação nas estratégias de ensino como a implementação de currículos por módulos. A questão da formação insere uma série de discussões, contextos discursivos sobre modelos educativos em relação à organização do cuidado e, primordialmente, considerando os contextos e os preceitos que regem o SUS (WINTERS; PRADO; HEIDEMANN, 2016).

A formação em enfermagem parte da definição de um perfil acadêmico e profissional que inclua o desenvolvimento de competências e habilidades, que possam subsidiar a formação crítica e reflexiva com vistas à intersecção social e a geração de mudanças comprometidas com o contínuo desenvolvimento, aperfeiçoamento e qualificação dos serviços de saúde. Nesta, importa incluir a adoção de metodologias educativas inovadoras, dialógicas e participativas, que insira o estudante como sujeito ativo na construção do conhecimento (MORAIS; ALMEIDA; AZEVEDO, 2017).

Na intersecção entre teoria e prática é importante entender que a teoria sustenta uma prática e que esta transcende, aprimora-se e se consolida. Entretanto, precisa-se estar-se atento (as) para a existência de lacunas entre a teoria que é trabalhada em sala de aula e as práticas observadas nos serviços, razão que os conceitos teóricos vivenciados na academia precisam ser reproduzidos de igual forma nos serviços, embora se saiba que alguns destes locais, não oferecem toda a condição necessária à formação profissional. Uma das alternativas para transpor as limitações desta natureza está na avaliação contínua de processos e por meio da interação com a comunidade/sociedade (WINTERS; PRADO; HEIDEMANN, 2016).

A interação entre docentes e discentes são mediadas pelas relações pedagógicas e podem fortalecer o coletivo frente às adversidades e lacunas vivenciadas nas práxis acadêmicas durante o processo de formação. O estudo se justifica na necessidade de conhecer-se com mais especificidade as relações docentes e discentes e dessa forma superar as fragilidades e aprimorar a formação, assim como, interagir e potencializar condutas que aperfeiçoem as



relações docentes e discentes, com o objetivo precípua de desenvolver e sedimentar a formação em enfermagem e saúde.

A questão de pesquisa busca responder: como as relações entre docentes e discentes podem qualificar a formação em enfermagem e saúde? Portanto, o objetivo deste estudo é compreender de que forma as relações entre docentes e discentes podem qualificar a formação em enfermagem.

2 MÉTODO

Conforme descrito por Minayo (2013), trata-se de um estudo de abordagem qualitativa e descritiva. Os participantes da pesquisa foram estudantes de enfermagem e enfermeiros docentes. A coleta de dados se deu por meio de entrevistas semiestruturadas, que foram gravadas digitalmente e, posteriormente, transcritas. Sobre a saturação de dados, recomendam Nascimento; Souza; Oliveira *et al* (2018) observar se os enunciados estejam escassos e a coleta de novas entrevistas, não agregaram novos elementos à discussão em relação aos subsídios já existentes.

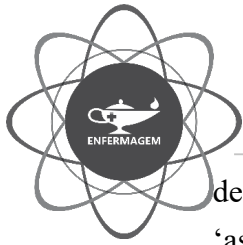
Foram critérios de inclusão para docentes: estar na função de docentes de cursos superiores de enfermagem, nas respectivas instituições de ensino superior pública, estarem ativos há pelo menos doze meses. Aqueles que não estavam contemplados nos critérios foram excluídos. Para os discentes foram consideradas como critério de inclusão, estar a regular com as disciplinas e ter concluído, mais de 50% do curso, ou seja, da 6.^a fase ou mais. Portanto, os sujeitos do estudo foram 13 docentes e 20 estudantes pertencentes a dois cursos de enfermagem de universidades públicas, que estão situadas no interior do Rio Grande do Sul. Como já referido, os docentes ou discentes, que não se enquadraram nos critérios, foram excluídos.

A coleta de dados ocorreu no segundo semestre no ano de 2019. Para a sua apreciação, utilizou-se o método de análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (2011). O Projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa e, autorizado conforme consta no parecer consubstanciado número 3.073.664.

Para manter o sigilo e anonimato, os participantes foram identificados pela letra inicial e números, quanto ao local, por exemplo, para as Universidades Públicas foi denominado UP, e do número correspondente, (UP1 e UP2). As entrevistas são identificadas de docentes e discentes, seguidos dos números respectivos, conforme a ordem em que foram coletados os dados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise permitiu a construção de duas categorias e igualmente ambas subdividas em subcategorias. A primeira refere-se ‘as relações docentes e discentes na enfermagem e a construção do conhecimento’, secundadas pelas subcategorias: ‘relações do ensinar e aprender na enfermagem: a ótica dos discentes’ e ‘relações do ensinar e aprender na enfermagem: a ótica dos docentes’. No que lhe concerne, a segunda categoria, ‘fatores que motivadores e



desmotivadores na relação entre aprender e ensinar na enfermagem’, seguidas das subcategorias: ‘aspectos motivadores que permeiam o ensinar e aprender: olhares discentes’ e ‘aspectos motivadores que permeiam o ensinar e aprender: olhares docentes’.

3.1. Relações docentes e discentes na enfermagem e a construção do conhecimento

Como já enunciado, esta categoria, desdobra-se em duas subcategorias, ou seja, as relações que estabelecem entre ensinar e aprender na enfermagem: a ótica dos discentes, assim como as relações do ensinar e aprender na enfermagem: a ótica dos docentes.

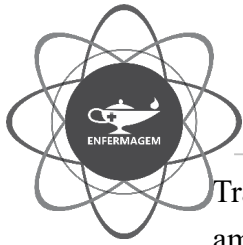
3.1.1 Relações do ensinar e aprender na enfermagem: a ótica dos discentes

Referem Menegaz e Backes (2016) que as boas relações entre os estudantes e os professores são preponderantes na construção do conhecimento em enfermagem. Afinidades pedagógicas de proximidade permite ao aluno interagir com os professores sobre o que se é trabalhado no curso. As trocas de experiências entre o “[...]docente e o discente que é de suma importância para o conhecimento e formação acadêmica” (Discente 2, UP1), e ainda, inclui-se que a “troca de conhecimento, experiências e evidências, contribuem de forma positiva na formação acadêmica” (Discente 3, UP1). As relações docentes e discentes trazem uma série de aditamentos na relação docente e discente. Portanto, “se existe uma boa relação entre o docente e o discente eu acredito que o aluno se sente mais confortável para esclarecer dúvidas. Por que o aluno que sente confiança aquele professor (Discente 1, Curso 2).

Para Borgobello; Sartori; Sanjurjo (2020), a formação de vínculo é um fator destacado, razão da aproximação entre os discentes e docentes, já que a correlação aproxima os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem, pois “quando há harmonia entre docente e discente, a relação se fortalece, passando confiança para o aluno (Discente 4, curso 1). Cabe ressaltar que as relações proximais entre docentes e discentes são facilitadas quando se tem “[...] uma relação igualitária, sem hierarquia e com respeito entre professor e aluno, com transparência e comprometimento” (Discente 6, curso 1). Assim, pode-se perceber a importância do vínculo na relação entre estudantes e professores.

Quando o discente tem um vínculo melhor com o professor, ele acaba despertando um interesse maior pelo conhecimento. Quando temos uma relação, é no professor que a gente se espelha, que passamos a admirar (Discente 2, Curso 2).

Salientam Borgobello; Sartori; Sanjurjo (2020) que a relação entre os discentes e os docentes transcendem as atividades de ensino, já que a participação nos grupos de pesquisa e no desenvolvimento de extensão, constituem-se em importantes espaços de aprendizagem. O docente compreensivo sabe da importância em estabelecer boas relações como os discentes.



Transparece o depoimento que as boas relações favorecem ao aprendizado já que na “[...] relação amigável entre o docente e discente, o conhecimento do professor facilita o aprendizado” (Discente 8, Curso 1).

A relação entre docente e discente é de extrema importância porque facilita no aprendizado do discente, incluindo ele em grupos de pesquisa, orientação e acaba influenciando muito no conhecimento desse discente (Discente 5, Curso 2).

Afirmam Menegaz e Backes (2016) que o conhecimento é uma das bases para se estabelecer boas relações entre docentes e discentes que tem por base o diálogo, a interatividade e as relações de poder simétricas e horizontais facilitam a construção do conhecimento, haja vista, que estes dois segmentos precisam interagir e coletivamente constituir-se. A interatividade é primordial já que “é muito importante ter uma boa relação com o professor” (Discente 10, curso 2.)

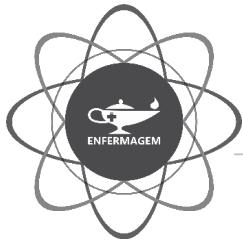
Acredito que as relações entre docente e discente podem contribuir de uma forma muito positiva, quando o docente está sempre aberto à discussão, a tirar as dúvidas do discente e quando ele não cria uma relação de poder sobre o aluno, eu acho que dessa forma é muito construtivo o conhecimento (Discente 6, Curso 2).

3.1.2 Relações do ensinar e aprender na enfermagem: a ótica dos docentes

Salientam Bustamente; Godoy e Guerreiro (2020) que as relações entre discentes e docentes ocorrem diferentes espaços e segmentos, sendo a extensão um espaço produtivo no que se refere à construção do conhecimento, a pesquisa possibilita ao discente desenvolver novas habilidades e construções. Haja vista que estas podem ser percebidas como atividades integradoras do processo de ensino e aprendizagem, já que “um olhar diferenciado e atitudes abrangentes no processo de ensino-aprendizado qualificará a formação acadêmica” (Docente 3, Curso 1).

A relação não está apenas no ensino, temos também no ensino teoria-prática, na extensão, nos projetos de pesquisa (núcleos), o conhecimento se dá nesses três espaços, onde há comunicação, trocas coletivas, a gente busca mediar o conhecimento científico mais o conhecimento que o aluno já possui (Docente 2, Curso 1).

A interatividade entre docentes e discentes, dizem Menegáz, Backes (2016) que esta pode ser intensificada por relações de construção conjunta, na qual os objetivos discentes e docentes têm como meta o desenvolvimento de atividades pedagógicas conjuntas. Haja vista que as relações podem ser “recíprocas enquanto que o professor ensina, o professor também aprende, aprende com o discente outras coisas que em alguns momentos ele não tinha pensado, ele não tinha refletido, assim como o discente aprende muito, o docente também aprende” (Docente 6, Curso 1).



As relações entre docentes e discentes podem contribuir para a construção do conhecimento e qualificar a formação em enfermagem tendo a construção clara de um desejo, o desejo de estar juntos e seguir juntos em prol do alcance de um objetivo comum. (Docente 4, curso1).

Para Borgobello; Sartori,; Sanjurjo (2020), a efetividade, nas relações docentes e discentes, permite que a busca pelo conhecimento seja desenvolvida de forma articulada e compartilhada, desenvolvendo uma parceria profícua, situação que os sujeitos se envolvem sistematicamente. No que se vincula ao conhecimento, dizem os autores acima referidos, que os estudantes podem estabelecer relações e definir aplicabilidades, estando o professor como facilitador dessas relações. Já que a “construção do conhecimento é de forma geral para qualificar qualquer formação e não somente a enfermagem, e a relação entre os dois atores, são papéis” (Docente 4, Curso 2).

Suponho que a relação entre docente e discente é indispensável e essencial. Por exemplo, uma turma que é engajada, se envolve com as atividades acabam desenvolvendo qualidades, constroem acerca do conhecimento compartilhado. Quando se tem uma boa relação com o aluno, consegue trazer ele para o espaço da pesquisa, da extensão (Docente 1, curso 2).

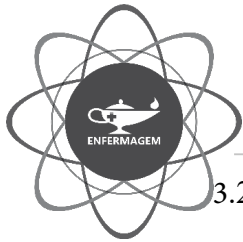
Para Fernandez-Guayana (2020), as boas relações se estabelecem a partir de interesses mútuos entre professores e estudantes a partir de uma perspectiva pedagógica. Para tanto, as relações docentes e discentes precisam ser continuamente desenvolvidas, nos mais diferentes momentos e espaços. Sendo a interatividade via processo de “comunicação é essencial para possamos dialogar e entender ambos os lados e, construir algo que tenha validade para a enfermagem, mas acredito que seja nos mais diversos espaços” (Docente 5, Curso 2).

Assim, suponho que a relação do docente com o discente é realizada no dia a dia e a partir de construções que são realizadas dentro da sala de aula e nos mais variados espaços, no grupo de pesquisa enfim em todos os espaços onde a gente consegue ter vínculo e pode estar construindo conhecimento para a enfermagem. (Docente 6, Curso 2).

Essa categoria mostra a importância de estabelecer-se boas relações entre os professores e estudantes, em especial, o estabelecimento de vínculos, em que os docentes atuam como facilitadores e mediadores na construção do conhecimento.

3.2 Fatores motivadores e desmotivadores na relação entre aprender e ensinar na enfermagem

Como anteriormente delineado, esta categoria desdobra-se em duas subcategorias: a primeira refere-se aos aspectos motivadores que permeiam a relação entre ensinar e aprender, sob olhares discentes e, também, dos aspectos que envolvem a motivação que permeia a relação entre ensinar e aprender: olhares docentes’.



3.2.1 Aspectos motivadores que permeiam o ensinar e aprender: olhares discentes

Autores como Bernardino, Coroliano-Marinus e Santos *et al* (2018) consideram que a motivação é um dos fatores mais importante ao aprendizado. Sob os olhares discentes, as boas relações com os docentes e o desafio do aprendizado são fatores considerados motivadores por parte destes discentes. Portanto, “é motivador ter professores e colegas que acreditam na minha capacidade. Aprender com experiências reais para ser ótimo profissional, sempre aprender com as pessoas (Discente 6, curso 1).

O que me motiva aprender é que um dia eu posso retornar todo o conhecimento adquirido para outros alunos/comunidade. O entusiasmo do professor ao ensinar e abordar determinados assuntos, identificação com a área e temáticas das aulas (Discente 5, Curso 1).

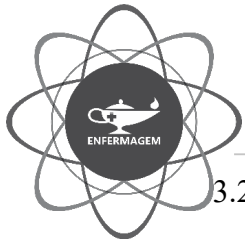
O que motiva está relacionado a condução das aulas. Está relacionado o professor quando ele gosta da matéria que está dando, é muito chato quando o professor não tem nada a ver com aquele conteúdo. Motiva também o objetivo de obter um crescimento pessoal, para ser um bom profissional futuramente (Discente 8, Curso 1).

Sob motivações na aprendizagem, afirmam Bernardino, Coroliano-Marinus e Santos *et al* (2018) que as aulas práticas são importantes estratégias de aprendizagem, que desafiam e motivam os docentes e discentes a articularem a teoria e a prática. Portanto, o desafio com a aprendizagem, o objetivo de vir futuramente tornar-se um bom profissional e as relações com os docentes constituem-se em fatores motivadores. A gênese da motivação pode estar associada ao “[...] gosto pela profissão, à motivação vem do professor, vem do próprio aluno mesmo, se você não tem interesse pela profissão não vai aprender mesmo (Do 1, Curso, 2)

O que motiva a aprender é você querer alcançar aquele objetivo, e isso parte muito da gente, por que depende do profissional que você quer se tornar, ir buscar sempre, aprender mais dependendo de quem você quer se tornar, com os professores também é assim, os professores também, temos um convívio diário e muitos deles nos motivam (Discente 2, Curso 2).

Friederich, Petermann e Miolo *et al.* (2018) consideram muito importante o estabelecimento de boas relações interpessoais no que concerne a construção de saberes e o cuidado integral. As relações com os usuários são preponderantes no aprendizado, desenvolve no discente a necessidade de interação com a comunidade e, novamente, as boas relações com os docentes são primordiais na construção do conhecimento, e implementá-las requer uma série de quesitos, entre estes estar motivado a empreender ações que solidifiquem esses comportamentos. O que motiva é “ser uma pessoa melhor em todos os aspectos, pessoal quanto profissional, assim precisa mais aprender, ter conhecimento, para ser melhor ser humano e profissional” (Discente 8, Curso, 2).

Aqui na faculdade eu tive boas experiências com muitas professoras que demonstram que gostam muito do que fazem e nos demonstram o quanto é importante o trabalho do enfermeiro (Discente 10, Curso 2).



3.2.2 Aspectos motivadores que permeiam o ensinar e aprender: olhares docentes

Para Alencar; Fleith (2016), a relação de proximidade entre os docentes e discentes, tem como base as afinidades pedagógicas, o reconhecimento da coexistência do outro. A educação nessa forma de pensar é sinônimo de uma relação com o educando. Portanto, os professores desenvolvem uma série de elementos que estreita a relação e potencializa o pedagógico. Sob o olhar docente, a motivação está no seu fazer profissional, no seu cotidiano, na relação de proximidade com os alunos, no desafio da construção do conhecimento nos seus diferentes segmentos e espaços.

Na verdade, eu não me vejo fazendo outra coisa. Tudo me motiva a relação com os discentes, estar na sala de aula, preparar material. Essa relação com o aluno, não só na sala de aula, nos projetos e em outros espaços. Para mim é prazeroso e eu faço com muito amor. Tento sempre passar as minhas experiências para motivar os alunos (docente 2, Curso 1).

Para Bernardino, Coroliano-Marinus e Santos *et al.* (2018), a motivação está em articular o teórico e o prático, assim como superar desafios e contribuir na formação profissional dos discentes e com o comprometimento social. Para assim dizer que “o que me motiva é formar enfermeiros que possam atuar com segurança de saber que todas as pessoas, tornar os serviços melhores com os profissionais que a gente forma” (Docente 1, curso 2).

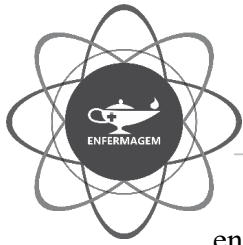
O que me motiva no exercício da docência para o curso de enfermagem especificamente é a possibilidade de poder (não sei se consigo até hoje) de proporcionar ao futuro profissional da saúde um aprendizado melhor; Enfim, atuar como futuro profissional de saúde em formação geral e específica, na preservação, na manutenção e no restabelecimento do estado de saúde do ser humano (Docente 5, Curso 1).

Dizem Coroliano-Marinus e Santos *et al.* (2018) que é importante estar presente, ter a oportunidade de pedagogicamente participar e construir, de prever e prover ações de qualificação dos serviços, constituem-se em um importante fator motivador.

Me motiva ter oportunidade aqui dentro da universidade, de reconstruir; de rever os nossos processos que são muito flexíveis, o grupo estar aberto a modificações e saber que isso está fazendo parte dos serviços de saúde hoje em dia, a reestruturação dos serviços de atenção básica (Docente 3, curso 2).

Para Manegaz; Backes (2018), são necessárias ações que motivem discentes e docentes a pensar, agir e construir espaços de aprendizados múltiplos, com uma formação mais abrangente, que valorize diferentes acepções na formação dos sujeitos. “Também me motiva ver que o enfermeiro está conquistando uma representação social muito importante, na organização dos serviços” (Docente 2, curso 2).

Eu como professora me motivo por saber que posso mobilizar os alunos em algumas questões como uma formação mais comprometida, mais ética e mais humana, e se a gente não for humana na formação do aluno, não vai formar um aluno que futuramente reproduza este comportamento no seu exercício profissional (Docente 5, curso 2).



A motivação no processo de ensino e aprendizado está vinculada à questão das relações entre discentes e docentes, em especial, na construção do conhecimento em saúde. Para tanto, é necessária a compreensão pedagógica por parte do professor de que o estudante não é objeto do processo educativo, mas, sim, sujeito ativo, pensante e construtor de sua realidade.

3.2.3 Aspectos que desmotivam o processo de ensinar e aprender: olhares discentes

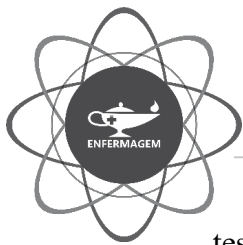
Para Coroliano-Marinus e Santos *et al* (2018), uma das formas de minimizar os fatores desmotivadores está na adoção de melhores estratégias didáticas e do apoio docente discente. Nas estruturas de resposta a seguir, nos fatores desmotivadores destacados inclui-se a sobreposição de tarefas pedagógicas que o estudante tem de cumprir e as relações na sala de aula e outros espaços educativos. “A desmotivação ao ensino pode partir tanto do aluno como pelo professor, ou uma situação gerada na sala de aula, o aluno vai se desgostando e acaba deixando a profissão que iria seguir” (Discente 1, Curso, 2).

O que me desmotiva são as aulas muito maçantes, ter aulas o dia intei-ro e ter muito conteúdo, parece que eu tenho que saber tudo, mas eu sei que não preciso (Discente 1, Curso 1).

Para Menegaz; Backes (2016), o conhecimento pedagógico denota a forma em que o professor compreende o ensinar aprender, compreende os papéis, as relações e os espaços de ensino. Contudo, a (in) segurança dos docentes, o domínio do conteúdo influencia na capacidade de interação, assim como desvelar do autoritarismo que resvala para falta de diálogo. “Depende da aula, tem alguns docentes que nos motivam têm aqueles que nos desmotivam, vai de cada um” (Discente 2, Curso 2), e mis ainda, refere-se ao fato que o [...] professor lê slides, quando não é didático, quando não tem vontade de ensinar, quando não motiva os seus alunos, quando é autoritário, não aberto a sugestões (Discente 4, Curso 1).

Ainda Menegaz; Backes (2016) salientam as relações não condizentes entre estudantes e professores que os distinguem de maneira pejorativa ou discriminatória, por suas condições de aprender em relação aos outros colegas. O autoritarismo de docentes, de certa forma dificulta o diálogo e as relações em sala de aula e, também, nos espaços práticas e estágios. A confiabilidade dos estudantes junto aos professores, asseguram o diálogo e a interatividade nas relações que se estabelecem. “A maneira autoritária que o professor abordava os conteúdos, a postura que ele tem, pode motivar ou desmotivar para ir às práticas. Principalmente no momento mais delicado de um semestre em especial” (Discente 4, curso, 2).

E o que me desmotiva a aprender é que tem professores que acabam desmotivando a gente de aprender, quando eles são rispídos e duros, eles fazem a gente se retrancar e se envergonhar de demonstrar o nosso conhecimento ou de executar tal técnica e isso desmotiva a gente a aprender, a continuar se esforçando para fazer aquilo. (Discente 5, curso 20).



Para que se tenham boas relações carece-se de respeito mútuo entre docentes e discentes. Atitudes jocosas, preferência por alguns alunos, não envolvimento com o processo de ensino e aprendizagem por parte dos docentes, são alguns dos fatores desmotivadores dos estudantes.

3.2.4 Aspectos que desmotivam o processo de ensinar e aprender: olhares docentes

Autores como Queiróz; Emiliano (2020) relatam as questões que envolvem as condições de trabalho dos docentes. De forma geral, o foco da desmotivação não está na relação docente e discente, mas sim ao desvirtuamento de suas ações e a precarização do trabalho. A desmotivação ao olhar dos docentes, referem-se a fatores conflituosos que extrapolam o espaço da sala de aula.

O que me desmotiva são algumas situações conflituosas e que nesse cenário de processo formativo de educação de formação que aparecem e que não de forma isolada, se sabe que o conflito ele aparece em qualquer lugar, em qualquer contexto, mas eu entendo que as vezes is-so desmotiva um pouco (Docente 6, Curso 1).

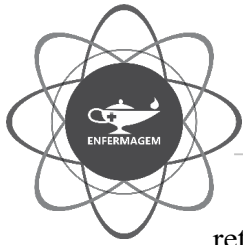
Dizem, ainda, Queiróz; Emiliano (2020) que os fatores externos podem configurar-se em fatores desmotivadores, a estruturação e a organização pedagógicas, são também situações que podem interferir na motivação dos docentes, à medida que o trabalho docente se estrutura na produtividade, a pressão por produção intelectual, projetos de pesquisa, extensão, fazer gestão, vem trazendo sérios retrocessos no trabalho docente.

O que desmotiva são as crises de repasses que interferem diretamente nos campos de práticas dos alunos, a estrutura do curso atualmente, mudar o currículo por não ter docente suficiente. (Docente 3, curso 2).

E desmotiva quando me deparo com situações que interferem no aprendizado, quando o resultado da aula não sai como o previsto, até por fatores externos, muitas faltas, provas acumuladas (Docente 4, curso 2).

Autores como Nagumo; Teles (2016) evidenciam um tema controverso, que é o uso do celular por parte dos estudantes. Alguns professores proíbem; outros, eventualmente; enquanto que outros permitem sempre seu uso em sala de aula. O uso desta tecnologia tem dupla face. De um lado pode permitir o acesso de conteúdos relativos ao tema da aula, o que permitiria um aprofundamento teórico e enriquecimento da atividade pedagógica, ou simplesmente, diversão por parte dos alunos, dissociando-se da aula, com prejuízos ao aprendizado. As relações de distanciamento entre os docentes e discentes e a pouca ou a não participação em sala de aula são fatores que podem interferir na motivação dos docentes.

Me desmotiva também quando aluno não quer estar ali naquele espaço, a gente saber que vivemos isso hoje nessa geração, se eu vejo que o aluno não está prestando atenção eu vejo que a minha aula não rende, porque tão no celular, que é isso das tecnologias modernas. (Docente 6, curso 2).



Na relação entre docentes e discentes com conjugação de interesses, ambos se encontram retroativamente, influenciam-se e se transformam, para que se tornem ainda mais solidários; mais responsáveis e comprometidos, assim como mais tolerantes, ou seja, é na relação educativa que os sujeitos se comunicam, elaboram trocas e reciprocamente se transformam (FERNÁNDEZ-GUAYANA, 2020).

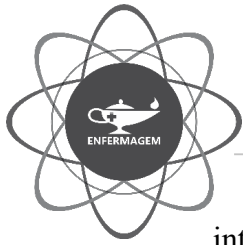
No que se refere às relações pedagógicas entre docentes e discentes, referem Alencar; Feith (2016) que há de se compreender que, analogicamente, necessita-se rever cenários e sobreceder-se a pretensa transmissão de informações, técnicas e valores e investir na flexibilidade das relações e a adoção de novas concepções educativas, de acordo com os novos contextos. A transcendência nas relações de ser, fazer, desenvolver, aprender e desenvolver-se encontra guarida na criatividade, razão da necessidade precípua de constantemente reinventar-se em diversos cenários, seja este familiar, social, profissional e, especial, no ensino superior. Considerando que a criatividade é resultante da interação entre indivíduos e fatores ambientais, os elementos essenciais para a criatividade é a motivação. A motivação intrínseca está intimamente relacionada à motivação para o trabalho inovador (ALENCAR; FLEITH, 2016).

O desenvolvimento de propostas inovadoras pelos docentes está atrelado a uma triangulação inclusiva e dialética que considera espaço, lugar e território, sendo que a utilização de estratégias diferenciados de ensino e aprendizagem incorrem nas relações de fortalecimento com os discentes, trabalhadores e comunidade, conceber e desenvolver estratégias metodológicas diferenciadas; nesta insere-se a possibilidade de articular o ensino, a pesquisa e a extensão. Estes espaços também permitem o desenvolvimento de todos os segmentos envolvidos, seja estes docentes, discentes, profissionais e comunidade (SANTOS; BATISTA, 2016).

A motivação é uma força emergente que regula e ampara as ações dos indivíduos, porquanto é complexo processo que influencia e persistentemente mantém as atividades. A motivação não é constante no comportamento humano, pois esta passa por contínuas mudanças em razão da temporalidade e do contexto ao qual os indivíduos estão inseridos (PANSERA, VALENTIN, SOUZA, 2016).

Motivações podem ser intrínsecas e extrínsecas: a motivação intrínseca refere-se a experimentar sensações diferenciadas, de realização pessoal e vivenciar novas descobertas, para aprender e entender, para saber mais. A motivação extrínseca refere-se aos desafios para atingir um determinado objetivo, ou ainda, obter uma certa recompensa (PANSERA; VALENTINI; SOUZA, 2016).

Na teoria motivacional, alguns fatores precisam se considerados: o estímulo interno, representado pela necessidade e os estímulos externos, que são orientadores da atividade. A necessidade se constitui em uma força que pode se expressar de forma passiva ou ativa. A passividade pode se expressar em satisfação ou sofrimento, depende de seu objetivo. Na sua forma ativa se torna motivo que impulsiona a atividade para o alcance de seu objetivo. O motivo refere-se à possibilidade real de satisfação, que direcionam e incorporam as necessidades que irão impulsionar o comportamento (BERNARDINO; CORIOLANO-MARINUS; SANTOS *et al* 2018).



A motivação discente também está relacionada com a maturidade dos estudantes que interfere no processo motivacional, sendo que os alunos com faixa etária mais elevadas são mais motivados quando equiparados aos mais jovens. Mais especificamente, as autoras salientam que a motivação discente em aprender pode estar relacionada a fatores intrínsecos e extrínsecos. A motivação intrínseca está relacionada às atividades acadêmicas em que há interesse e vontade de aprender, independentes de recompensas. O aluno motivado tem um envolvimento maior com as tarefas, dedica mais tempos e entende os estudos como algo prazeroso (SERRA, 2019).

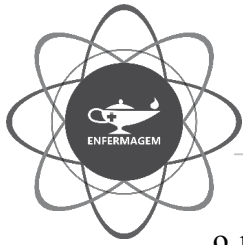
Já a motivação discente extrínseca é constituída pela obtenção de bons conceitos, avaliações, notas, e influências sociais e familiares para o sucesso. Os alunos, orientados na meta em aprender, buscam desenvolver-se intelectualmente, valorizam os esforços pessoais e utilizam-se de estratégias específicas para a aprendizagem efetiva (MELLO; LEMES, 2016). A motivação pode ser deflagrada pelo estabelecimento de metas e objetivos na realização das tarefas. O discente, quando identificado com a meta, tender-se-á ser mais perseverante na obtenção de resultados, razão que o estudante identifica neste desafio valores e significâncias (SERRA, 2019). Pode-se dizer que existem distintas motivações para cada pessoa: os intrínsecos (automotivação) e os extrínsecos (fatore externos). Asseveram os autores que a identificação no que concerne a motivação do estudante, pode ser determinante nos resultados acadêmicos (BERMÚDEZ-GARCÍA; CASSANA, 2016).

A motivação docente está em ser docente, o desejo e o gosto pelo ensino, o desafio em, significativamente, correlacionar os aprendizados teóricos e articulá-los com novas experiências. A correlação de teoria em prática, enquanto experiência, motiva e incorre em refletir a própria docência, assim como repensar a própria formação (SANTOS; BATISTA, 2016).

A falta de tempo dos estudantes de enfermagem, relacionada ao tempo despendido com transporte de suas residências até a universidade, ou ainda, a exigência de carga horária elevada, inúmeras exigências, cargas horárias elevadas e necessidade de dedicar-se com afinco ao curso, já normalmente estes cursos têm horário integral, assim como exige que complemente as tarefas, estudando em casa são fatores que devem ser considerados (FACIOLI; BARROS; MELO, 2020).

As razões das desmotivações são múltiplas e incluem na inflexibilidade institucional, pouca participação dos estudantes em projetos, inclusive elevação nos níveis de ansiedade decorrentes na interação com os docentes (FACIOLI; BARROS; MELO, *et al* 2020). Interessante, as boas relações com os docentes facilitam o aprendizado e motivam a participação discente e outras atividades e os desafiam a aprender.

Um dos fatores que podem ser considerados desmotivadores refere-se à acessibilidade dos discentes que utilizam transporte público, haja vista a deterioração deste, implica em desconforto, na qualidade de vida e, também, na motivação inerente ao aprendizado. Outro fator refere-se ao baixo tempo para lazer, pois as exigências do curso, incide na qualidade e estilo de vida dos estudantes, no aspecto emocional e na desmotivação. O aumento da pressão externa, inibe a criatividade e causa desmotivação (BERNARDINO; CORIOLANO-MARINUS; SANTOS, 2018).



A motivação discente relaciona-se a fatores como o conhecimento e a relação com o prazer decorrente do aprendizado. Fato é que a motivação está vinculada a imperativo de aprender para que futuramente possam utilizar o conhecimento teórico e prático, apreendidos para consubstanciar seu fazer no que se refere a assistência de enfermagem. A relação docente-discente, as políticas institucionais de melhoramento das estratégias didáticas, e os desafios da aprendizagem também são considerados fatos motivadores (BERNARDINO; CORIOLANO-MARINUS; SANTOS, 2018).

Outros fatores considerados motivadores referem-se à autonomia nas escolhas dos estudantes para uma aprendizagem mais efetiva, como atividades em pequenos grupos, aprendizagem baseada em problemas, assim como aumento gradual e contínuo das responsabilidades dos estudantes para a tomada de decisões. A qualidade da motivação correlaciona-se com o bom desempenho e são primordiais para o aumento do aprendizado, para além de promoverem junto aos discentes a capacidade crítica e reflexiva (BERNARDINO; CORIOLANO-MARINUS; SANTOS, 2018).

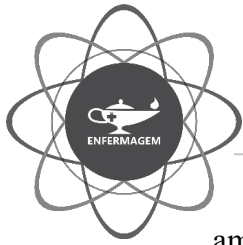
Por outro lado, estudo de sobre a motivação de docentes no desempenho de suas funções, está atrelada a múltiplos fatores, em especial, desenvolver um trabalho com enfoque na melhoria dos processos de capacitação docente, iniciando pelo desenvolvimento de um instrumento que permita medir a motivação antes do início do processo formativo e, a partir deste, orientar melhor os estímulos e os processos pedagógicos de tal forma que se apoie efetivamente na reconstrução de atitudes e desenvolvimento de novas práticas que possa promover melhores resultados na formação (NINO-BAUTISTA; OVIEDO-CÁCERES; FIGUERA, *et al* 2018).

A relação docente é complexa e múltipla. Contudo, o estudo mostra que as relações interpessoais entre os docentes e os discentes constitui em um dos preceitos para qualificar o ensino e a formação em enfermagem.

4 CONCLUSÃO

Neste estudo, objetivamente, procurou-se compreender como as relações entre docentes e discentes podem qualificar a formação em enfermagem e saúde. Os participantes do estudo apontaram que as boas relações entre docentes e discentes favorecem o aprendizado e, conseqüentemente, a formação. A proximidade e a interatividade entre os professores e estudantes, nos diversos espaços e momentos são entre tantos fatores salutar para a formação. Razão que se permite o diálogo e a construção conjunta no espaço acadêmico.

Em relação à motivação, os discentes se motivam com as boas relações, as construções conjuntas, a confiabilidade e a segurança que se asseguram na relação com os professores, principalmente no que concerne às atividades práticas. Por outro lado, as atitudes/comportamentos dos professores em relação aos estudantes, que não comportam a interatividade, as boas relações, o diálogo, implica na retração nas atividades teóricas e práticas, principalmente relacionada a falta de diálogo e segurança.



Com relação aos docentes, a motivação está no desafio de ensinar e, também, continuamente aprender. O fazer docente é um dos fatores motivadores entre os docentes, ou seja, o grande desafio de ser e fazer-se enquanto docentes. De forma diferenciada, o que desmotiva os professores são os fatores atravessadores no seu trabalho, fatores externos que contribuem para o desenvolvimento de suas atividades.

Por fim, o estudo permitiu entender com mais propriedade a importância das relações entre os docentes e discentes. Ao que parece, as afinidades interpessoais entre esses dois segmentos é o amálgama que dá solidez a relação entre docentes e discentes. Este estudo encontra as seguintes limitações: foi desenvolvido em dois cursos de enfermagem de universidades públicas; assim como o número de entrevistados docentes e discentes. Contudo, este nos instiga desenvolver novos estudos, com esta temática tão importante.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice Maria Lima; FLEITH, Denise Souza. Relationships between motivation, cognitive styles and perception of teaching practices for creativity. **Estud. psicol.** v. 33, n. 3, p. 503-513, 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011.

BERMÚDEZ-GARCÍA, Alejandro; CASSANA, Alessandra. Motivation and academic desertion in Peruvian medical students. **An Fac med.** 2016;77(2):173-4

BERNARDINO, Amanda de Oliveira; COROLIANO-MARINUS, Maria Wanderleya de Labor; SANTOS, Alessandro Henrique da Silva *et al.* Motivação dos estudantes de enfermagem e sua influência no processo de ensino-aprendizagem. **Texto Contexto Enferm**, 2018; 27(1):e1900016.

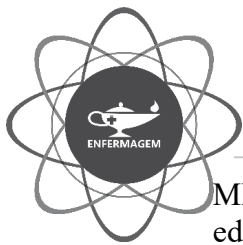
FACIOLI, Adriano Machado; BARROS Ângela Ferreira; MELO, Manuela Costa *et al.* Depression among nursing students and its association with academic life. **Rev. Bras. Enferm.** 2020; 73(1): e20180173.

FERNÁNDEZ-GUAYANA, Tanny Gissele. Fenomenología de la responsabilidad por el Otro: un estudio sobre la vocación de la docencia. **Revista Educación.** v. 44, n. 1, p. 1-19, 2020.

FRIEDRICH, Thaís Lopes; PETERMANN, Xavéle Braatz; MIOLO, Silvana Basso *et al.* Motivations for collective practices in Primary Care: perception of users and professionals. **Interface.** 2018; 22(65):373-85.

MELLO, Margareth Benedito de Jesus Bressani de; LEME, Maria Isabel da Silva Mello MBBJ, Leme MIS. Motivação de alunos dos cursos superiores de tecnologia. **Psicol. Esc. Educ.** 2016; 20(3): 581-590

MENEGAZ, Jouhanna do Carmo; BACKES, Vânia Marli Schubert. Bons professores de enfermagem, medicina e odontologia: Percepção do conhecimento sobre os alunos. **Esc. Anna Nery.** v. 20, n. 2, p. 268-274, 2016.



MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 13. ed., São Paulo: Hucitec, 2013.

MORAES, Bibiana Arantes; COSTA Nice Maria da Silva. Understanding the curriculum the light of training guiding health in Brazil. **Rev. esc. enferm. USP**. v. 50, n. (spe), p. 9-16, 2016.

MORAIS, Maria de Fátima ALMEIDA, Leandro Silva; AZEVEDO, Ivete; *et al.* Práticas de ensino para a criatividade na universidade: um estudo em Portugal e no Brasil. **Paidéia**. 2017; 27 (67): 56-64.

NAGUMO, Estevon; TELES, Lucio França. O uso do celular por estudantes na escola: motivos e desdobramentos. **Rev. bras. Estud. pedagogia**. v. 97, n. 246, p. 356-371, 2016.

NASCIMENTO, Luciana Cassia Nunes; SOUZA, Tania Vignuna; OLIVEIRA, Isabel Cristina dos Santos *et al.* Theoretical saturation in qualitative research: an experience report in interview with schoolchildren. **Rev Bras Enferm**. 2018; 71(1):228-33.

NINO-BAUTISTA, Lucita; OVIEDO-CÁCERES, Maria Del Pilar; FIGUERA Fabio Alberto Camargo *et al.* **Motivación y logros en procesos de educación para la sexualidad con docentes**. Hacia promoc. Salud. 2018; 23 (1): 106-122.

PANSERA, Simone Maria; VALENTINI, Nádia Cristina; SOUZA, Mariele Santayana *et al.* Motivação intrínseca e extrínseca: diferenças no sexo e na idade. **Psicologia Escolar e Educacional**. 2016; 20(2): 313-320.

QUEIROZ, Maria de Fátima Ferreira; EMILIANO, Laiany Lara. Ser docente no Século XXI: o trabalho em uma universidade pública brasileira. **Rev. katálisis**, v. 23, n. 2, p. 687-699, 2020.

SANTOS, Geovannia Mendonça, BATISTA, Sylvia Helena Souza da Silva. Teaching, Pro-Saude and PET-Saude: narratives of an interprofessional practice. **Interface**. v. 22, n. Supl. 2, p. 1589-600, 2018.

SERRA, Diego Jorge González. Una concepción integradora de la motivación humana. **Psicologia em Estudo**. 2019; 24, e44183.

TEÓFILO, Tiago José Silveira; SANTOS, Nereida Lucia Palko, BADUY, Rossana Staevie. Betting on change in medical education: trajectories of a medical school. **Interface (Botucatu)**. v. 21, n. 60, p. 177-88, 2017.

WINTERS, Joanara Rozane Fontoura; PRADO Marta Lenise, HEIDEMANN, Ivonete Teresinha Schuller Buss. A formação em enfermagem orientada aos princípios do Sistema Único de Saúde: percepção dos formandos. **Esc. Anna Nery**, v. 20, n. 2, p. 248-253, 2016.

Recebido em: 23/11/2020
Aceito em: 02/12/2020
Publicado em: 01/2021